

MEGALITISMO DO NORTE DE PORTUGAL: UM NOVO BALANÇO

Vitor Oliveira Jorge*

Nos últimos anos, particularmente a partir de 1978, reiniciaram-se os estudos sobre o megalitismo do Norte de Portugal, tema que está hoje ocupando vários investigadores. Tal tema é porém vasto e complexo, como julgamos ter demonstrado na obra *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, a qual condensa os nossos conhecimentos até aos inícios de 1982 (1). Desde então, duas novas campanhas de escavações foram feitas, por nós e por outros arqueólogos, que nos permitem apresentar dados inéditos, e delinear melhor certos aspectos da problemática; a nossa exposição articular-se-á, assim, em torno de certas questões nodais que se levantam aos estudiosos deste assunto. Como todos os balanços, também este terá decerto vida efêmera, pois se destina a ser mais ou menos rapidamente superado pelo movimento incessante da pesquisa; o que será um bom sinal, pois o progresso da investigação pré-histórica baseia-se, obviamente, nesta retroacção permanente entre a teoria e a prática, entre a “ordem” que pomos nos dados agora ao nosso dispor, e a “desordem” que novos elementos virão introduzir.

É bem sabido que os *monumentos sepulcrais cobertos por uma mamoa* são extremamente abundantes no Norte de Portugal — por simples convenção, referimo-nos apenas à área a norte do rio Douro —, onde constituem elemento típico das paisagens dos *plateaux* graníticos (2); o seu número actual excede largamente o milhar. Porém, a extrema ruína das estruturas propriamente funerárias que essas mamoas contêm, e o pequeno número de escavações científicas realizadas — praticamente confinadas, para já, ao distrito do Porto (3) — não nos permite generalizar a designação de “megalíticas” a tais mamoas. De facto, nos monumentos assim habitualmente denominados nota-se um acentuado polimorfismo, que vai desde o dólmen de apreciáveis dimensões, com câmara e corredor (por exemplo, Anta da Barrosa, Caminha, ou Anta de Santa Marta, Penafiel) até à absoluta ausência de câmara, seja ela dolménica ou de tipo cistóide (Mamoas 5 de Outeiro de Gregos, Baião) (4). A falsa impressão de homogeneidade que nos é transmitida pelos montículos tumulares arruinados, normalmente implantados em chãs, e, com frequência, agrupados, e a facilidade com que o nosso hábito lhes atribui o epíteto de “megalíticos”, terão de ser progressivamente substituídas pela análise detalhada que só a escavação permite e, a partir dela, por uma nomenclatura mais diversificada e apropriada a cada tipo de monumentos. As constantes rapidamente observáveis, topográfica (localização sistemática em *plateaux*) e morfológica (montículos artificiais) poderão esconder um grande número de variáveis, sujeitas a leis que podem ter dependido de factores cronológicos, sociológicos, ou outros; assim, a própria cartografia rigorosa das mamoas só atingirá todo o seu interesse — por ex., em termos da lógica que presidiu à sua implantação no espaço — quando soubermos o que é que estamos exactamente a cartografar, uma vez que no mesmo núcleo ou conjunto (isto é, agrupamento de núcleos) monumental, se podem ter sobrepostos diferentes “lógicas”, tanto mais que é de esperar uma longa vigência temporal de tais “necrópoles”. O conjunto megalítico mais estudado do Noroeste peninsular — o da Serra da Aboboreira, no distrito do Porto — está aí para o provar.

A localização dos monumentos

Ao nível do Norte de Portugal no seu conjunto, a distribuição dos monumentos resume-se em poucas palavras: Entre-Douro-e-Minho e região ocidental de Trás-os-Montes. São bem conhecidas as grandes

* Universidade do Porto

(1) Dissertação de doutoramento em Pré-história e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras do Porto em 1982.

(2) O que não significa que não possam aparecer, embora raramente, sobre formações de diferente natureza geológica, como o xisto, como adiante se verá.

(3) De referir o recente início da escavação de um monumento megalítico em Trás-os-Montes, no concelho de Sabrosa, por A.A. de Bacelar Gonçalves, da Fac. de Ciências do Porto.

(4) V. V. O. Jorge, A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um “tumulus” não megalítico da Serra da Aboboreira (Baião), *Arqueologia*, 6, Dez. de 1982.

concentrações do Alto Minho, por exemplo, ou, já em Trás-os-Montes, as de Montalegre, Vila Pouca de Aguiar e Alijó. Entretanto, no distrito de Bragança, dificilmente se ultrapassará a trintena de mamoas, aliás em referências antigas que, apesar de tudo, conviria confirmar.

Quanto à localização propriamente dita, pode dizer-se que ela praticamente coincide com as manchas graníticas, tendo sido esta rocha a matéria-prima utilizada na grande maioria das construções. Contudo, conhecem-se cada vez mais monumentos implantados em zonas de xisto, como por ex. a Mamoa de Gestosa (Vila Nova de Gaia) ou, no vizinho concelho de Gondomar, a Mamoa dos Crastos.

Os monumentos surgem geralmente agrupados, em pequenos núcleos que, por sua vez, se integram em conjuntos mais ou menos extensos; tais agrupamentos aproveitam normalmente zonas planas, situadas a diferentes altitudes, que podem ir de alguns metros apenas acima do nível do mar, a c. de 1.300 m. nas superfícies aplanadas das montanhas do Alto Minho. Casos há, porém, de monumentos que se encontram intencionalmente isolados, quer em posição proeminente na proximidade de "necrópoles" (Mamoa do Alto do Catorino, em Carrazedo de Alvão, por exemplo), e parecendo estabelecer uma hierarquia em relação aos agrupamentos mais abaixo, quer em situações que sugerem que tais mamoas foram concebidas de forma mais individualizada, o que pode estar em relação com a sua época de construção, quiçá mais tardia (Dólmen de Santa Marta, Penafiel).

De um modo geral, porém, é o grande agrupamento que nos surge, adentro do qual se notam pequenas descontinuidades espaciais (quer marcadas pela diferença de cotas, como no conjunto megalítico da Serra dos Campelos, em Lousada — distrito do Porto — quer por acidentes do terreno, como na Serra da Aboboeira, em que os afloramentos graníticos delimitam pequenas chãs) que assim isolam os diversos núcleos de cada conjunto.

As estruturas externas: as mamoas

As escavações realizadas, o aspecto superficial de muitas mamoas, e os cortes produzidos acidentalmente nelas, pela abertura de estradas ou outros motivos, mostram que se trata normalmente de montículos artificiais de terra, com frequência revestidos por uma couraça protectora de lajes ou blocos imbricados. Esses montículos, tendo sido essencialmente formados por acumulação de solo vegetal, humoso, pouco consistente, foram sofrendo, com o tempo, um processo de compactação, que lhes diminuiu a altura original, permitindo o afloramento das estruturas internas, dolménicas ou outras, já de si arruinadas por violações. As escavações efectuadas mostram que os sedimentos utilizados nesses montículos são de origem local, tendo provavelmente sido retirados das áreas vizinhas dos actuais monumentos, o mesmo acontecendo com as lajes que constituem as couraças pétreas. Tais sedimentos apresentam por vezes manchas de solo mais escuro e humoso, com uma forma repetida e volume muitas vezes constante, que denunciam o modo como as mamoas eram construídas: a terra era transportada para o local, provavelmente em unidades individuais, sendo acumulada contra os esteios da câmara, previamente colocados na posição vertical, razão pela qual tais manchas tendem a apresentar uma inclinação concordante com o declive das "encostas" do monumento. Estes sedimentos contêm por vezes carvões, de variado calibre, os quais podem aparecer em áreas circunscritas, parecendo corresponder a pequenas fogueiras feitas durante a erecção dos *tumuli*, talvez com finalidade ritual. Idêntica finalidade poderiam ter queimadas mais extensas, denunciadas por camadas de carvões, e até pedras carbonizadas, na base de alguns dos *tumuli* (por exemplo, no mamoa 1 da Sr.^a da Guia, na Aboboeira), embora se possa pensar que tais camadas se relacionam com a limpeza da vegetação que previamente cobria os locais em que assentaram os monumentos⁽⁵⁾; num caso — Mamoa da Mina do Simão, Aboboeira, Amarante — parece ter existido um solo de ocupação humana anterior à erecção do *tumululus*, o que explicaria os abundantes carvões nele encontrados.

As couraças pétreas revelaram-se, nos monumentos escavados, como estruturas cuidadosamente elaboradas, com os seus elementos, por vezes profundamente imbricados, assegurando uma poderosa protecção dos montículos. As lajes, escolhidas certamente pela sua forma propícia, eram encaixadas umas nas outras de modo hábil, mostrando quase sempre uma perfeita adaptação do seu formato ao interstício que iam preencher. Sendo, de modo geral, de tamanho médio, elas eram às vezes substituídas por lajes de grande porte, capazes de cobrir uma superfície maior; este sistema, porém, não conferia à construção uma consistência tão grande como no primeiro caso considerado. Na parte superior das mamoas, a couraça, a ajuizar pelos monumentos escavados, era normalmente constituída por uma única camada de lajes, a qual repousava sobre um manto de calhaus angulosos, de pequeno tamanho, permitindo estes últimos um mais sólido assentamento sobre a terra e tapando todos os interstícios; na periferia dos monumentos, a espessura da couraça adensava-se, formando uma verdadeira coroa periférica de contenção do *tumululus*. Não

(5) Possuímos alguns resultados provisórios da análise polínica de sedimentos subjacentes ao contraforte da câmara da Mamoa 2 de Out.^o de Gregos (Baião), que apontam para uma importância considerável da vegetação arbórea relativamente ao estrato herbáceo (agradecemos a J. Mateus e P. Queirós, do Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa, esta informação).

raro, tal coroa era externamente delimitada por grandes lajes dispostas obliquamente, definindo uma espécie de «fecho» exterior da mamoa.

Não obstante, a partir de 1982 novos tipos (ou variantes) de mamoas foram escavados. A Mamoa de Gestosa, em Vila Nova de Gaia, implantada numa mancha xistosa, era construída, não com solo humoso, mas com argila compacta, e apenas na periferia revestida por uma «couraça» de blocos de quartzo; superficialmente, estes eram de pequenas dimensões, mas sobrepunham-se a uma camada de grandes blocos. Assim, pois, a mamoa fechava externamente através de uma autêntica coroa circular de contenção periférica, como aliás acontecia na também recentemente escavada mamoa 2 de Cabritos (Amarante, Serra da Aboboreira), em cuja parte central a couraça não existia; assim, entre o contraforte da câmara e o revestimento periférico notava-se uma área construída só com terra, sem cobertura pétreo. Mas o facto mais interessante foi a descoberta de monumentos que profundamente se diferenciam da clássica mamoa em terra e com revestimento de pedras, uma vez que se apresentam somente constituídos por um imbricado de blocos e lajes, particularmente espesso na parte central do *tumulus*, e justaposto a uma camada de solo de potência variável. A este tipo de estruturas chamamos *cairns*, para as distinguir das anteriores. Um desses monumentos, a que já atrás fizemos referência, é precisamente a mamoa 5 de Outeiro de Gregos, na Serra da Aboboreira; nele não existia qualquer câmara funerária. Um outro exemplo é o da mamoa 4 de Meninas de Crasto, na mesma área⁽⁶⁾. Trata-se de uma mamoa baixa (c. de 1 m), mas de apreciável diâmetro (c. de 15 m), e com um anel megalítico periférico; embora as suas estruturas internas não se tenham conservado, sabemos que tais estruturas devem ter existido, pois a escavação revelou a presença, ao nível do saibro, de negativos de esteios ou lajes que, primitivamente, aí devem ter estado implantados. Na parte em que se encontrava mais bem conservada, a mamoa apresentava o referido imbricado de blocos e lajes, sobreposto a um nível lenticular de saibro depositado pelos construtores, o qual por sua vez selava uma camada de solo humoso, com carvões, camada essa que possivelmente já existia no local quando o monumento foi construído. De facto, não se tratava, aqui, de acumular terra em grande quantidade para constituir um montículo semi-esférico, bem destacado na paisagem e capaz de albergar um monumento megalítico de tipo dolménico. A intenção era de construir uma mamoa bastante mais baixa, menos saliente no terreno, formada por um imbricado pétreo, cuja base, mais ou menos plana (e já não de perfil inferiormente convexo como no caso das couraças de revestimento) se poderia sobrepor a um solo anteriormente existente no local, «selando-o», de algum modo. Tal processo construtivo encontrava-se também bem ilustrado no *cairn* que rodeava a pequena câmara poligonal da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, igualmente na Aboboreira⁽⁷⁾.

A estratigrafia de algumas mamoas escavadas — nomeadamente Outeiro de Ante 1 e 3, Outeiro de Gregos 2 e 3, Meninas do Castro 2, Chã de Parada 3, Mina do Simão, todas na Serra da Aboboreira — mostrou a presença de um nível escuro, humoso, mais ou menos desenvolvido em área, pouco espesso, subjacente aos monumentos. Esse nível estratigráfico indubitável aparecia, em torno das câmaras, selado por uma fina camada de saibro calcado, certamente contemporânea da construção, tanto mais que sobre ela assentavam os contrafortes em que se baseava a estabilidade das estruturas dolménicas. Que poderiam representar tais níveis? A resposta mais natural seria, perante a observação empírica e os dados da bibliografia estrangeira⁽⁸⁾, pensar-se que estamos perante restos de solos superficiais antigos, anteriores à construção das mamoas, as quais, soterrando-os, os tornaram de algum modo fósseis, isto é, de algum modo imunes aos variadíssimos factores que fazem um solo viver, e evolucionar (paleossolos ou solos enterrados). A realidade pode, porém, ser mais complexa do que isso, convindo, para cada caso, efectuarem-se análises (pedológicas, sedimentológicas, palinológicas, etc.) que nos esclareçam de forma completa quanto à natureza exacta de cada um desses níveis subjacentes às mamoas. Numas (Outeiro de Gregos) poderemos de facto estar perante restos de solo antigo (dado o seu elevado teor de húmus⁽⁹⁾), quiçá amputado do seu horizonte superficial; noutras, perante um nível de ocupação humana, um habitat anterior à construção funerária, como parece acontecer com a Mamoa da Mina do Simão, a que já atrás aludimos; haverá ainda que explicar a importante percentagem de fósforo que ocorre em algum desses níveis, recentemente detectada pelas análises pedológicas⁽¹⁰⁾. Seja como for, tais níveis são ricos de ensinamentos sobre a paisagem contemporânea dos construtores de megálitos, e sobre as alterações que o homem lhe provocou, pelo que é altamente desejável que se possam incrementar, nos próximos anos, as colaborações que vários colegas da área das ciências naturais nos têm prestado⁽¹¹⁾.

(6) V. O. Jorge, Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, na Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 7, Junho de 1983.

(7) V. O. Jorge, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião) *Portugália*, n.s., I, 1980.

(8) V. por ex., G. W. Dimbleby e M. C. D. Speight, Buried soils, *Advancement of Science*, 26, 1969.

(9) M. A. Valeriano Madeira e J. M. Bettencourt Medina, Ensaio de aplicação da Pedologia à Arqueologia. O caso das mamoas da Serra da Aboboreira. Resultados e perspectivas, *Arqueologia*, 4, Dezembro 1981.

(10) Informação comunicada por M. A. Valeriano Madeira, do Instituto Superior de Agronomia, de Lisboa, a quem agradecemos.

(11) Nomeadamente, contributos no domínio da Pedologia (v. nota 9 supra) e Paleobotânica (equipa do Museu Nac. de Arqueologia e A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional, Oeiras).

As estruturas internas: dólmenes, cistas

Apesar do pequeno número de escavações realizadas apontar para um acentuado polimorfismo, mesmo ao nível dos núcleos de cada conjunto (basta atentar nos cinco monumentos principais estudados em Outeiro de Gregos, na Serra da Aboboreira⁽¹²⁾), podemos dizer que a estrutura megalítica mais frequente no Norte de Portugal é o dólmen de pequenas dimensões. Tal modéstia de proporções dá, aliás, o tom ao megalitismo do Noroeste peninsular no seu conjunto (N. de Portugal e Galiza), se comparado com o da região de Salamanca-Zamora, ou do Alto Alentejo ou das Beiras.

As câmaras e simples podem ser poligonais ou rectangulares, inscrevendo-se estas últimas naquilo a que se tem convencionado chamar «cistas megalíticas» (S. Bento das Peras, Vizela; Antela da Portelagem, Esposende, por exemplo). O dólmen «típico» é o de câmara poligonal, quer ela seja fechada ou aberta, quer se apresente de forma regular ou irregular. De qualquer modo, no detalhe, tais estruturas podem apresentar considerável variação (na dimensão do espaço funerário, no tipo de planta adoptada, etc.), como as próprias escavações da Aboboreira têm evidenciado. Por exemplo, Outeiro de Gregos 2 e 3 possuíam câmaras poligonais, de pequeno tamanho (diagonais variando entre 1,60 e 1,30 m), muito provavelmente fechadas; a Mamoa 1 de Outeiro de Ante tinha, pelo contrário, uma anta enorme, aberta a nascente, de planta sub-elíptica alongada, com cerca de 3 m de comprimento; por seu turno, a Mamoa da Mina do Simão (que se revelou como o monumento mais bem conservado do conjunto, a seguir ao dólmen de Chã de Parada, bem conhecido monumento nacional, provido de câmara poligonal alargada e de corredor) apresentava uma câmara poligonal alongada, de 9 esteios, de planta sub-elíptica e aspecto geral que poderíamos caracterizar como «naviforme».

Entre os dólmenes simples e os de corredor inscreve-se um tipo que designaríamos como «dólmen com vestíbulo», no qual a entrada se encontra simbolicamente marcada por duas lajes baixas, uma de cada lado do acesso à câmara; como exemplos, poderíamos apontar o dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães) ou o dólmen da Chã de Alijó, ambos em Trás-dos-Montes.

No que toca aos dólmenes de corredor (nitidamente minoritários em relação aos de câmara simples), grupo em que nunca aparecem os monumentos de corredor alongado como os que surgem na vizinha Beira Alta ou no Alentejo, tornou-se clássica a distinção apontada para Noroeste por G. Leisner⁽¹³⁾ entre aqueles em que a câmara e o corredor estão bem diferenciados, em planta e alçado (tipo Chã de Parada), aqueles em que tal diferenciação diz apenas respeito à câmara, e, finalmente, aqueles em que a indiferenciação atinge a planta e o alçado. Dado o pequeno número de monumentos deste grupo conhecidos, a inexistência de escavações científicas e o seu não muito bom estado de conservação, torna-se por vezes difícil enquadrar cada caso no esquema tripartido apontado. Conhecemos monumentos em que é nítida a indistinção entre corredor e câmara, ao nível da planta, como o dólmen da Barrosa (Caminha) ou a Anta de Santa Marta (Penafiel); por sinal, são esses os casos em que o corredor atinge maiores proporções (c. de 5 m e c. de 6 m de comprimento, respectivamente); já ao nível do alçado tal indistinção é mais problemática, dado o mau estado de conservação dos corredores (de qualquer modo, a existir, essa indiferenciação parece-nos mais provável no monumento de Penafiel do que no de Caminha, no qual o primeiro esteio conservado do corredor é já bem claramente mais baixo do que a câmara, marcando pois uma ruptura de volumes).

De qualquer forma, os dólmenes do tipo dos acima indicados são raros. Normalmente, estamos perante um corredor curto, como, por exemplo, no dólmen de Chã de Parada (Baião), já citado, que parece ter possuído originalmente três esteios de cada lado do corredor (c. de 3.70 m de comprimento); ou como no dólmen de Lamoso (Paços de Ferreira), com 4 esteios de cada lado e c. de 3 m de comprimento; ou, ainda, como no dólmen de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães), com dois esteios de cada lado, sendo os exteriores menos largos e dispostos de forma a estreitar um pouco o espaço da entrada (c. de 2,5 m de comprimento).

Ainda relativamente aos dólmenes simples — grupo em que se inserem todos os monumento recentemente escavados por métodos científicos — é interessante acrescentar que a estabilidade das câmaras repousa geralmente na existência de um contraforte em torno das mesmas. As suas dimensões podem variar porém muito, uma vez que tal estrutura se limita, em certos casos, a uma simples cintura de pedras junto à base exterior dos esteios (Mamoa 2 de Meninas do Crasto, na Aboboreira), enquanto que noutros (Mamoa 1 de Outeiro Ante, Mamoa 3 de Chã de Parada, no mesmo conjunto) estamos perante um amontoado de lajes e blocos de tais proporções, que não seria desajustado falar de um autêntico *cairn* interior. Evidentemente que o peso da própria tampa sobre os esteios, e o facto de alguns destes se encontrarem enterrados no saibro da base, contribuiriam também para a manutenção da estrutura arquitectónica; porém, era sobre o contraforte que tal estabilidade fundamentalmente assentava, sendo notável a

⁽¹²⁾ V. *op. cit.* nas notas 1 e 4.

⁽¹³⁾ *Verbreitung und Typologie der galizisch und nordportugiesischen Megalithgräber*, Marburg, 1938 (reprint Lisboa, 1977).

pequena profundidade da maioria das fossas de implantação de esteios, ou, até, o facto de muitos destes se encontrarem praticamente pousados na superfície da rocha de base. Os dois sistemas (esteios pousados e esteios enterrados em fossas) foram aliás encontrados em conjugação no mesmo monumento (Mamoia 2 de Outeiro de Ante), dificultando a reconstituição das arquitecturas originais a partir dos seus negativos actualmente legíveis no sub-solo.

Finalmente, um outro tipo de estrutura (que, embora superficial, vem a propósito referir aqui) existente em torno de certas câmaras e a alguma distância destas é um anel lítico de grandes blocos, tendente a relevar melhor o espaço sepulcral, zona, decerto, sagrada por excelência. Se, num caso, tal anel se sobrepunha à couraça de revestimento e era constituído por grandes blocos irregulares (Mamoia 1 da Abogalheira, Serra da Aboboreira, Amarante), noutros o mesmo anel compunha-se de blocos escolhidos pela sua forma regular, dando à estrutura um aspecto linear; mas, ainda aqui, tal anel tinha funções estruturais diferentes, pois que, num caso (Mamoia 2 de Meninas do Crasto) assentava directamente nas terras do *tumulus*, interrompendo aí a couraça de revestimento, enquanto que noutro (Mamoia 1 de Outeiro de Gregos) servia de contenção exterior ao *cairn* envolvente da câmara.

Algumas considerações de conjunto

Conjugando os nossos dados actuais sobre os diferentes tipos de mamoas e de arquitecturas internas que apresentam, podemos formular algumas questões que deverão ser úteis à orientação das próximas investigações:

- no interior do Norte de Portugal, ou, mais especificamente, na área correspondente ao actual distrito de Bragança, o fenómeno megalítico parece ter tido uma escassa presença, não se conhecendo aí grandes necrópoles, como as de Alvão ou Montalegre, na área ocidental de Trás-os-Montes;
- em todo o Norte do País, o tipo de monumento predominante é o dólmen de pequenas dimensões, de câmara simples, envolto por uma mamoia construída com terra e revestida por um imbricado de pedras. Tais monumentos surgem normalmente agrupados, em zonas planas, facilitando (pelo menos nas actuais condições da cobertura vegetal) o seu destaque na paisagem;
- os monumentos podem ocorrer às mais diferentes cotas, desde as planícies litorais até às superfícies aplanadas do interior, por vezes a altitudes que ultrapassam largamente os 1 000 m acima do nível do mar;
- em cada conjunto, por vezes em cada núcleo, existem monumentos de diferente dimensão ou tipologia. Embora as razões de tal facto sejam ainda difíceis de definir, é possível que as explicações se venham a encontrar ao nível cronológico (sobreposição, no mesmo conjunto, de monumentos de épocas diferentes) e/ou sociológico (hierarquia de monumentos, semelhantes ou não, relacionável com a hierarquização social). Um outro aspecto que haverá que explicar é a ocorrência de monumentos em situação de (maior ou menor) isolamento, bem como a implantação de certas mamoas em zonas topograficamente dominantes em relação a áreas de localização de conjuntos megalíticos. Finalmente, há que esclarecer o significado da presença de certas estruturas nas imediatas proximidades de algumas mamoas.

Os artefactos

É bem sabido que o espólio dos monumentos megalíticos do Norte de Portugal é normalmente pobre, em quantidade e qualidade; além disso, dado o estado de profunda violação em que geralmente se encontra o enchimento das câmaras, torna-se difícil distinguir os artefactos contemporâneos das construções, daqueles que se ligam a utilizações ulteriores dos monumentos. Eis por que, na breve inventariação que se segue, não estabeleceremos tal diferenciação.

I — Instrumentos líticos

a) Pedra Lascada

1. *Micrólitos geométricos* — predominam os trapézios assimétricos com trincadura maior alongada e os segmentos de círculo;
2. *Pontas de seta* — as de base triangular são as mais abundantes;
3. *Lâminas e lamelas* — as primeiras são mais numerosas do que as segundas e, adentro delas, as lâminas de secção trapezoidal predominam;
4. *Outros objectos* — pontas de dardo (?), raspadores, furadores, etc.

b) Pedra polida

1. *Machados* — os machados de contorno rectangular ou sub-rectangular e os de contorno trapezoidal ou sub-trapezoidal são os mais representados; a forma da secção dominante é a rectangular ou sub-rectangular;
2. *Enxós* — objectos menos representados do que os do grupo anterior. De assinalar a recente descoberta, na Mamoa da Mina do Simão (Aboboreira, Amarante), de três enxós, em perfeito estado de conservação, na parte inferior do enchimento da câmara;
3. *Goivas* — ocorrem raramente;
4. *Braçadeiras de arqueiro* — objectos raros, também.

c) Outros objectos líticos

1. *Moinhos manuais* — frequentes, tanto relativamente ao elemento dormente como ao móvel. Ocorrem muitas vezes como material de aproveitamento, utilizado nas construções. De assinalar que na Mamoa da Mina do Simão acima citada, se verificou que o pavimento da câmara, ainda parcialmente conservado, era constituído por elementos móveis de moinhos manuais colocados lado a lado;
2. *Percutores* — também frequentes;
3. *Cristais de quartzo* — surgem igualmente com frequência;
4. *Objectos que podemos considerar como culturais* — raros. De destacar uma placa de granito, em forma de «paleta», proveniente do «dólmen pequeno» de Perafita, Alijó, conservada no Museu Nacional de Arqueologia⁽¹⁴⁾, e um objecto de cerâmica, profundamente cozida, em forma de «cogumelo», encontrado na Mamoa 2 de Outeiro de Ante, Aboboreira⁽¹⁵⁾.

II — Cerâmica

Quanto à forma:

- a) *Vasos abertos* — em calote de esfera, de perfil semi-elíptico, de perfil situado entre o sub-cilíndrico e o tronco-cónico, tronco-cónicos, etc.;
- b) *Vasos fechados* — de forma esférica, muito fechada; idem, com leve estrangulamento no colo; semi-esféricos; ovóides; sub-cilíndrico com leve estrangulamento no colo; carenados, etc.

Quanto à decoração:

- a) *Vasos lisos e com decoração mamilar* — os mais abundantes;
- b) *Vasos com decoração lisa ou impressa não campaniforme; vasos com impressões na superfície interna;*
- c) *Vasos campaniformes*, dos grupos pontilhado marítimo, pontilhado geométrico, e Ciempozuelos — Palmela. De assinalar a recente descoberta, na Mamoa 1 da Chã do Carvalhal, Aboboreira (Marco de Canaveses), de um significativo conjunto de fragmentos de vasos campaniformes, atribuíveis aos grupos pontilhado marítimo (de bandas) e Ciempozuelos — Palmela⁽¹⁶⁾.

Ainda no que toca à cerâmica, gostaríamos de referir aqui que no provável solo de ocupação detectado sob a Mamoa da Mina do Simão, Amarante, se encontraram, entre outros restos de vasos, abundantes fragmentos de um recipiente liso, com perfurações situadas abaixo do bordo, permitindo a quase total reconstituição da forma. Trata-se, pois, do único vaso cerâmico, *in situ*, com posição estratigráfica bem definida, proveniente de uma escavação dolménica do Norte do país.

III — Artefactos metálicos

Raros, destacando-se pontas de cobre de tipo Palmela e três espirais em prata, estas provenientes, respectivamente, de Mamoinha do Monte da Cerca (Esposende), da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos e da Mamoa 4 de Meninas do Crasto (Aboboreira). Apesar dos dois últimos achados não se encontrarem *in*

(14) Com o n.º 9616. V. H. Botelho, *in O Arqueólogo Português*, IV, 1898, p. 187.

(15) Por A. A. Huet de B. Gonçalves (respectivo relatório no prelo).

(16) Agradecemos a Domingos J. da Cruz esta informação.

situ, uma vez que se verificaram, respectivamente, no fundo de uma câmara profundamente revolvida por violações e na parte superficial do monumento, em resultado também de violações, não deixa de ser interessante referir que nos encontramos, nos dois casos, perante *cairns*, tipo arquitectónico que consideramos com probabilidade tardio, e possivelmente datável do Bronze inicial, época em que encaixariam bem estas espirais em prata.

IV — *Objectos de adorno*

Relativamente raros, destacando-se as *contas de colar* de tipos e matérias-primas diversos, nomeadamente de variscite (Mamoas 2 de Outeiro de Ante, Mamoas 2 de Outeiro de Gregos, na Aboboreira, Mamoas de Guilhabreu, Vila do Conde) e de azeviche (Mamoas 1 de Abogalheira e Mamoas 4 de Meninas do Crasto, ambas na Aboboreira).

Problemas cronológicos

Graças às escavações realizadas da Aboboreira, começámos nos últimos anos a dispor de datas de radiocarbono, infelizmente ainda em pequeno número, que nos permitem formular algumas questões, em bases minimamente seguras, sobre o posicionamento cronológico do fenómeno megalítico no Norte de Portugal e no Noroeste peninsular em geral. As mais interessantes são:

Monumento	N.º amostra	Data a.p.	Data a.C.	Observações
Mamoas 3 de Outeiro de Gregos (Baião)	KN — 2765	5200 ± 65	3250 ± 65	Carvões de madeira provenientes do <i>tumulus</i>
Mamoas 3 de Outeiro de Gregos (Baião)	KN — 2766	5230 ± 75	3280 ± 75	Carvões de madeira provenientes do <i>tumulus</i>
Mamoas 2 de Outeiro de Gregos (Baião)	CSIC — 547	4950 ± 50	3000 ± 50	Carvões de madeira provenientes do solo existente sob o <i>tumulus</i> (<i>terminus post quem</i> para a construção do monumento)

Os dois monumentos assim datados situam-se a cerca de 100 m um do outro e são do mesmo tipo (pequena câmara megalítica poligonal, com toda a probabilidade fechada). As duas primeiras datas, muito coerentes entre si, dizem respeito a amostras recolhidas em sedimentos *in situ* do *tumulus*, e situam a sua construção na segunda metade do IV.º milénio a.C. Comparando esses resultados com a data de 3000 a.C. como *terminus post quem* para a Mamoas 2 de Outeiro de Gregos, podemos pensar que entre a construção dos dois monumentos distaram cerca de 300 anos. Será a esta época genérica — segunda metade do IV.º milénio, passagem para o III.º milénio — que deverá atribuir-se o início do megalitismo do Norte do país, ligado a monumentos de espaço sepulcral diminuto e proporções modestas? Seria extremamente arriscado afirmá-lo, como é evidente. Seja como for, lembremos que por essa época se estavam já construindo, na Beira Alta, monumentos de grandes dimensões, com corredor, como nos mostra, por exemplo, a data de 3110 ± 50 obtida para carvões provenientes do fundo da câmara da Orca dos Castenairos (Vila Nova de Paiva) e que, no Alentejo, se aceitarmos as datas, obtidas pelo método da termoluminescência, por Whittle e Arnaud (17), o megalitismo tinha já uma longa história. Mantém-se pois, em relação ao Norte de Portugal, a tradicional dúvida de se saber se o fenómeno megalítico é, aqui, um elemento derivado do Sul, mas que não conheceu, como aí, uma evolução tão rica (em termos de grandiosidade de arquitecturas e de diversidade de espólios a elas associados) ou se são manifestações, à partida, coetâneas, que depois se desenvolveram em sentidos diferentes. Se esta última hipótese se viesse a verificar, então, como é óbvio, os monumentos datados de Outeiro de Gregos marcariam já uma fase mediana do processo, podendo ter convivido (em termos de criação de arquitecturas e sua utilização primária) com megálitos de maior porte, como os dólmenes de grande câmara (Outeiro de Ante 1, Chã de Parada 3) ou até de câmara e corredor (Dólmen de Chã de Parada) que existem na Serra da Aboboreira.

Continuamos, na verdade, sem poder optar entre três modelos explicativos do fenómeno megalítico diacronicamente considerado. O primeiro, seria um modelo evolucionista unilinear, que levaria dos pequenos dólmenes iniciais, de câmara fechada, aos grandes dólmenes de câmara aberta, e, depois, aos dólmenes de corredor clássicos, continuando com os dólmenes com corredor de maiores proporções, e mais ou menos indistinto da câmara (em termos de transição gradual de espaços e dimensões) até às cistas megalíticas, às cistas ainda providas de *tumulus* ou de qualquer marcação superficial, capaz de identificar

(17) Thermoluminescent dating of Neolith and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal, *Archeometry*, 17, 1, 1975.

a sua presença no terreno, e, finalmente, às sepulturas «planas». O segundo, seria aquele que admitiria a contemporaneidade do surgimento de soluções diferentes, nomeadamente de pequenos dólmenes, com ou sem corredor. O terceiro, finalmente, aceitando o megalitismo como um longo processo de desenvolvimento arquitectónico cumulativo, encararia a possibilidade de uma evolução do simples para o complexo, sem exclusão, todavia, da coetaneidade, a partir de determinado momento, de formas «simples» e «evolucionadas». Esta última hipótese levar-nos-ia, por exemplo, a admitir que, em certa fase da evolução megalítica, monumentos de maiores dimensões (ou situados em posição topográfica dominante) se teriam vindo sobrepor às necrópoles tradicionais, ou se teriam, mesmo, colocado em posição de isolamento na paisagem. A confirmar-se esta hipótese, tornam-se evidentes as interessantes ilacções de ordem sociológica que ela permitiria, no sentido de se admitir a progressiva implantação de uma hierarquia no seio social, de início ligada à hierarquização espacial e dimensional dos túmulos, e, por fim, mercê de um ritual funerário cada vez mais individualizador, à redução das suas dimensões e à sua menor acentuação na paisagem.

O problema dos habitats

A dificuldade de identificação dos habitats dos construtores de megalitos, bem conhecida em toda a Europa atlântica, põe-se também para o Norte de Portugal. Duas reflexões prévias podem, contudo, auxiliar-nos a circunscrever este problema:

- em primeiro lugar, é pouco provável que as populações que tumulavam nos dólmenes vivessem em habitats concentrados e estáveis, isto é, de longa duração. Se assim fosse, tais aldeias teriam deixado marcas no terreno suficientemente importantes para que a moderna arqueologia tivesse detectado pelo menos algumas delas, o que, relativamente à área que aqui nos importa, até à data não aconteceu. Ora, se atentarmos no que se passa com os povoados com cerâmicas «de tipo Penha», em curso de estudo por Susana O. Jorge (v. trabalho apresentado a este Colóquio), que, pelo menos a ajuizar pelos dados actuais, parece terem sido em parte contemporâneos do fenómeno megalítico, logo constataremos o profundo contraste que estabelecem com o tipo de ocupação do solo e o modo de vida que o megalitismo pressupõe. Trata-se de habitats riquíssimos em artefactos e, até certo ponto, em estruturas, atestando a definitiva fixação do homem à terra no Noroeste peninsular, fixação que, no caso do mundo megalítico, parece ainda situar-se sobretudo ao nível dos túmulos, isto é, ao nível simbólico da memória colectiva. Para além dos complexos problemas que esta aparente dualidade cultural levanta (como, por exemplo, o de se saber em que tipo de estruturas enterravam os mortos os homens que utilizaram as cerâmicas de «tipo Penha», ou o de se determinar até que ponto a fracção de artefactos depositados nos túmulos megalíticos como oferendas é representativa da totalidade da cultura sua contemporânea), o que é um facto é que a própria existência dos habitats com cerâmicas de «tipo Penha» nos mostra que nada impedia, à partida, que outros tipos de povoados pré-históricos se tivessem conservado no Noroeste peninsular, caso tivessem atingido a importância que permitisse tal conservação.
- Em vários pontos da Europa megalítica (países nórdicos, Irlanda, Bretanha francesa, por exemplo), existem indícios de que habitats e túmulos estariam numa relação espacial próxima, advogando G. Clark, por exemplo, que a implantação dos cemitérios nos permite tirar ilacções sobre a área de exploração preferencial («catchement area») dos respectivos construtores⁽¹⁸⁾. Se, no Norte de Portugal, traçarmos um círculo em torno dos núcleos sepulcrais, cujo raio corresponda aproximadamente a uma hora de caminho a partir do hipotético habitat, encontraremos áreas ecológicas diversificadas, de vale e de *plateau*, que podem ter oferecido ao homem possibilidades muito variadas. É lógico estarmos perante formas de economia mista, com prática da caça (sugerida pela presença de micrólitos que, pelo menos em parte, poderão ter actuado como pontas de seta e, também, por pontas de seta foliáceas), do pastoreio, e da agricultura (comprovada pela frequente ocorrência de moinhos manuais nas sepulturas, a atestar o cultivo de cereais, e, indirectamente, por machados polidos e enxós, instrumentos ligados ao ciclo agrícola), abarcando cada uma dessas actividades o seu espaço próprio. No entanto, se tal modo de vida se baseava numa tecnologia elementar, com prática de queimadas para a abertura de áreas para o cultivo e esgotamento fácil da capacidade produtiva dos solos, ele conduziria necessariamente a uma deslocação periódica do habitat, que seria intencionalmente frágil; se essa deslocação periódica tendesse a estabelecer um certo rotativismo (cujo pólo fixo poderia precisamente ser o túmulo) natural é que o próprio trabalho da agricultura viesse a «apagar» traços anteriores deixados pela ocupação humana. Tal facto, associado à intensa erosão que, ao longo dos tempos, teriam sofrido os solos então utilizados (sobretudo se se situassem em *plateaux* progressivamente desnudados de vegeta-

⁽¹⁸⁾ The economic context of dolmens and passage graves in Sweden, *Ancient Europe and the Mediterranean*, Warminster, 1977.

ção) explicaria a actual inexistência, no registo arqueológico, de vestígios habitacionais. Estes poderiam porém ter-se conservado sob monumentos ulteriormente construídos no mesmo local. Será talvez essa a razão da ocorrência, em alguns monumentos da Aboboreira, de ténues indícios de uma possível ocupação anterior: lareira estruturada encontrada na base da Mamoa 1 da Serrinha; buracos de poste e um vaso detectados sob o lajeado periférico da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos; restos de vasos cerâmicos e objectos líticos, juntamente com abundantes carvões, no solo subjacente à Mamoa da Mina do Simão.

Arte megalítica; menires

Uma breve referência, a concluir, a outros dois tópicos do megalitismo do Norte de Portugal.

A *arte dolménica*, que uma recente obra de E. Shee Twohig tratou exaustivamente ⁽¹⁹⁾, dispensando-nos aqui de demoradas descrições, manifesta-se sobretudo nos seguintes monumentos:

Dólmen da Barrosa, Âncora (Caminha) — insculpturas em três lajes, encontradas durante as escavações de J. de Castro Nunes em 1948. Linhas onduladas (serpentiformes) e sinais em U constituíam a base da respectiva ornamentação.

Dólmen da Fonte Coberta da Chã de Alijó (Alijó) — gravuras (covinhas, sulcos) e restos de pintura a vermelho num dos esteios, detectados por C. Neiva nos anos trinta.

Dólmen de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães) — motivo pintado a vermelho na laje de cabeceira, constituído por uma forma sub-rectangular, com apêndices, interpretável como antropomórfica, ou como representando uma pele esticada de animal, seg. E. Shee.

Dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães) — além de covinhas e sulcos na face externa da tampa, restos de pintura em quatro esteios da câmara, inicialmente reconhecidos (tal como no monumento anterior) por Santos Júnior, nos anos trinta, e recentemente revistos por E. Shee, que neles distinguiu elementos serpentiformes, um báculo e um motivo ancoriforme.

Dólmen de Chã de Parada (Baião) — Serpa Pinto — o nosso homenageado neste Colóquio — detectou, nos anos trinta, restos de pintura a vermelho no esteio da cabeceira deste monumento, actualmente invisíveis. A mesma laje apresenta quatro representações de um motivo de difícil interpretação, constituído por um «corpo de traços paralelos e base trapezoidal» (seg. Shee e G. Martinez) ⁽²⁰⁾ e forma geral dissimétrica, tendo de um dos lados um apêndice de contorno curvo. Noutros esteios pode ver-se uma figura radiada, um motivo composto por dois círculos, lado a lado, e uma pequena covinha entre a base dos dois («face ocultada»?) e uma figura que lembra vagamente um 8.

Dólmen de Padrão, Vandoma (Paredes) — Mendes Corrêa publicou, em 1929, pinturas visíveis em fragmentos de esteios deste monumento. Os motivos mais importantes eram, mais uma vez, os ondulados ou serpentiformes e uma figura humana com braços e pernas arqueados. De notar que, ao contrário dos casos anteriores, a decoração se apresentava aqui com carácter bicolor (vermelho e negro).

Presença, pois, no Norte de Portugal, de dólmenes gravados, de dólmenes pintados, e de dólmenes decorados simultaneamente de ambas as formas. Torna-se evidente que, na totalidade dos casos, nos encontramos perante simples restos de uma ornamentação simbólica hoje impossível de reconstituir na sua integralidade, o que praticamente inviabiliza a sua interpretação. Facto tanto mais de lamentar quanto é certo sabermos, por outros exemplos peninsulares (Antelas, Oliveira de Frades; Pedra Coberta, Corunha, por exemplo) que os dólmenes decorados evidenciavam muitas vezes uma organização de conjunto, que de modo algum se pode confundir com a simples justaposição de motivos, por nós hoje de algum modo arbitrariamente isolados.

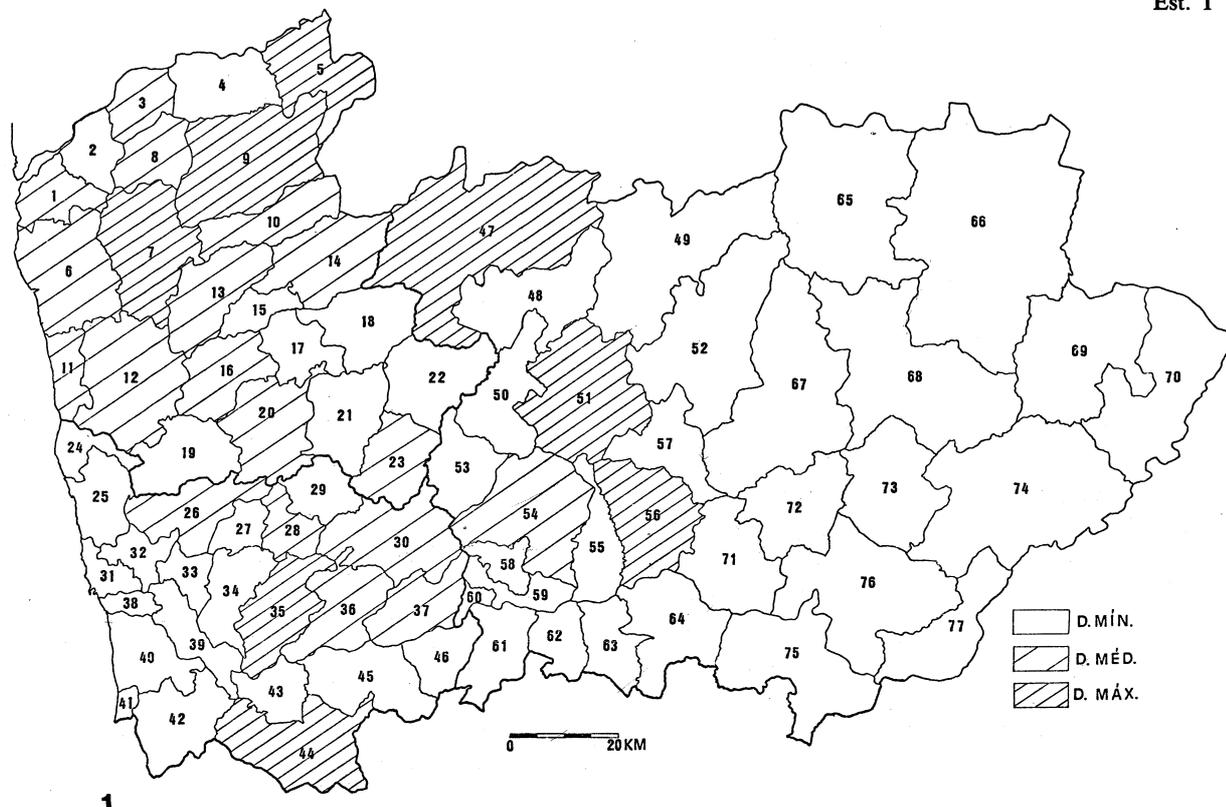
No que toca aos *menires*, lembremos que existem apenas dois casos inequívocos no Norte do país: o de Luzim, no concelho de Penafiel, e o de S. Paio de Antas, Esposende, ambos em zonas onde estão assinaladas mamoas. Ilustram dois tipos diferentes desta classe de monumentos, pois que um, o de Luzim, é uma simples laje de forma irregular, enquanto que o de S. Paio de Antas se apresenta afeiçãoado, com secção sub-elíptica. Os chamados «menires» das Turrinheiras (Cabeceiras de Basto) e do «Penedo Longo» (Amarante) não passam de formas naturais ⁽²¹⁾.

Rennes, Outubro de 1983

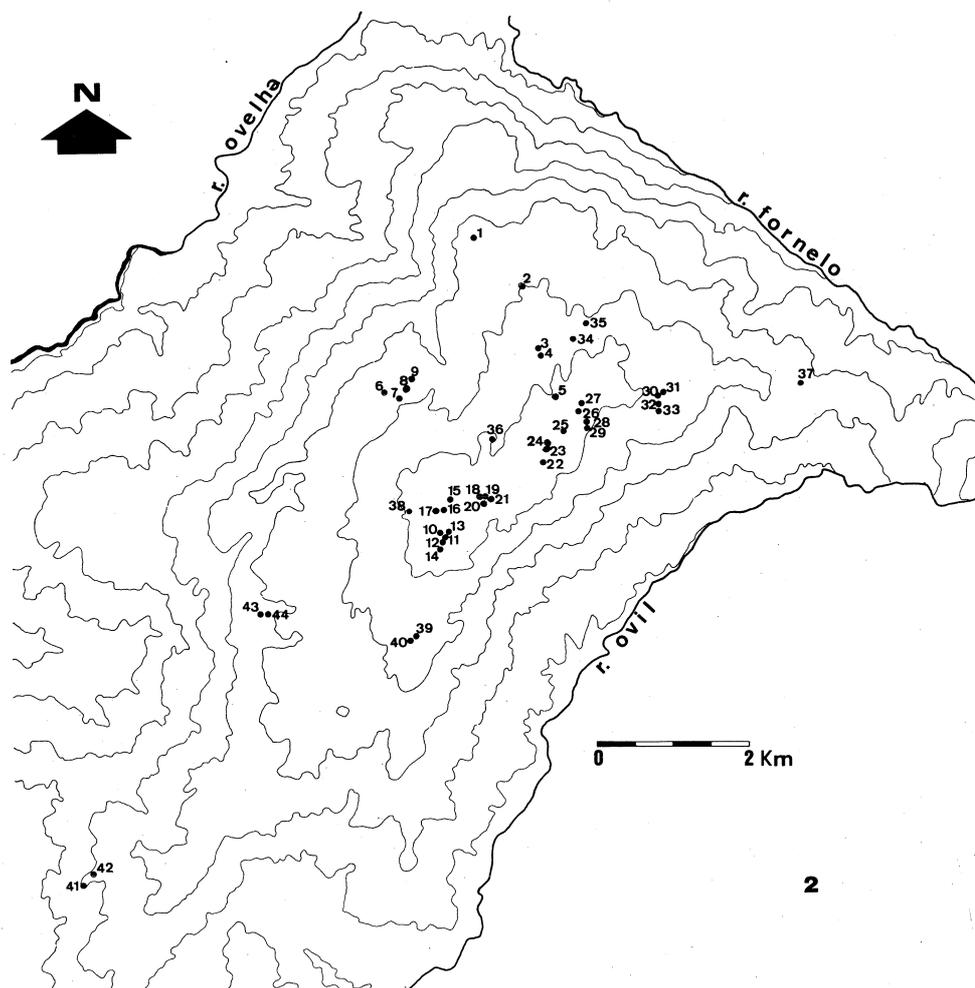
⁽¹⁹⁾ *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1981.

⁽²⁰⁾ Tres tumbas megalíticas decoradas en Galicia, *Trabajos de Prehistoria*, 30, 1973.

⁽²¹⁾ Ao longo do presente texto, e relativamente à Serra da Aboboreira, foram utilizados dados provenientes de algumas escavações não realizadas pelo autor, cuja referência agora se completa: Mamoa 1 da Abogalheira, por E. J. Lopes da Silva e A. Leite da Cunha (1979-1980); Mamoa 4 de Outeiro de Gregos, por Domingos J. da Cruz e Maria de Jesus Sanches (1980); Mamoa 1 da Serrinha, por Fernando A. Silva (1982); Mamoa 1 da Chã do Carvalhal, por Domingos Cruz (1982); Mamoa 3 de Chã de Parada, por Fernando A. Silva (1982-1983). A Mamoa da Mina do Simão foi escavada pelo autor, de colaboração com Maria da Luz Oliveira (1983).



1



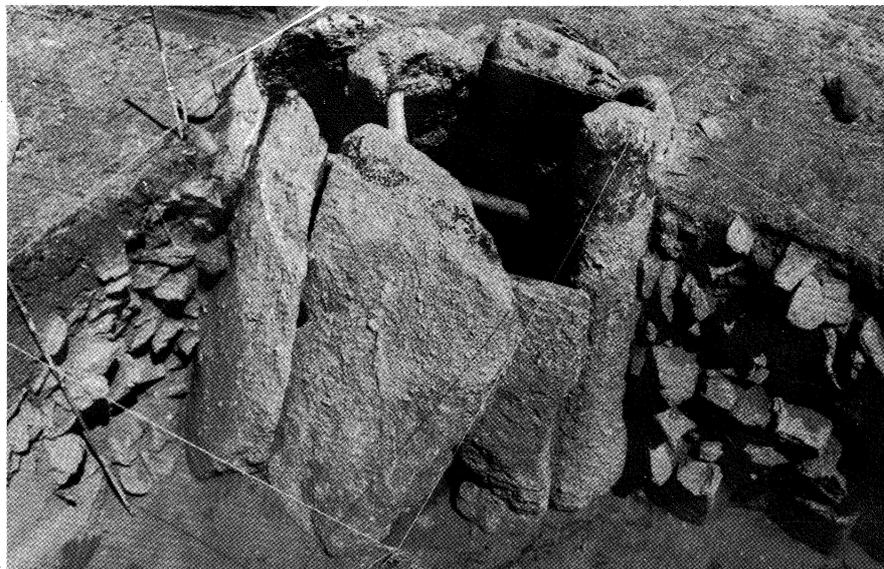
2

1 — Megalitismo do Norte de Portugal; concelhos de densidade mínima (0-10 mon.), média (11 a 40 mon.) e máxima (acima de 40 mon.). Estes últimos são: Melgaço (n.º 5), Arcoz de Valdevez (n.º 9), Ponte de Lima (n.º 7), Montalegre (n.º 47), Vila Pouca de Aguiar (n.º 51), Alijó (n.º 56), Penafiel (n.º 35) e Arouca (n.º 44).

2 — Conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (adaptado do mapa de esc. 1/50.000, reduzido). Os 44 monumentos referenciados vêm descritos em Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal...* 1982, vol. I, pp. 565 e seg.



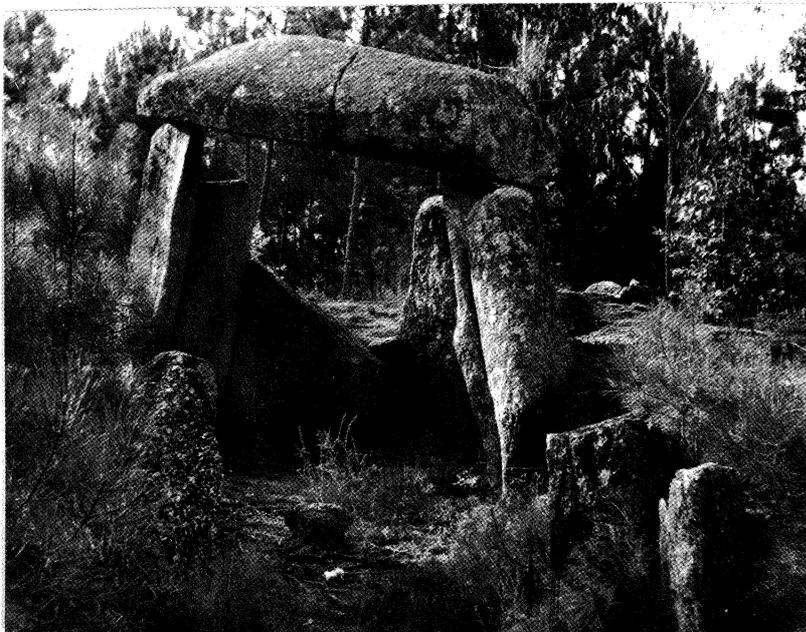
1 — Dólmen com pequena câmara poligonal regular (Mamos 2 de Meninas de Castro, S. da Aboboreira, Baião).



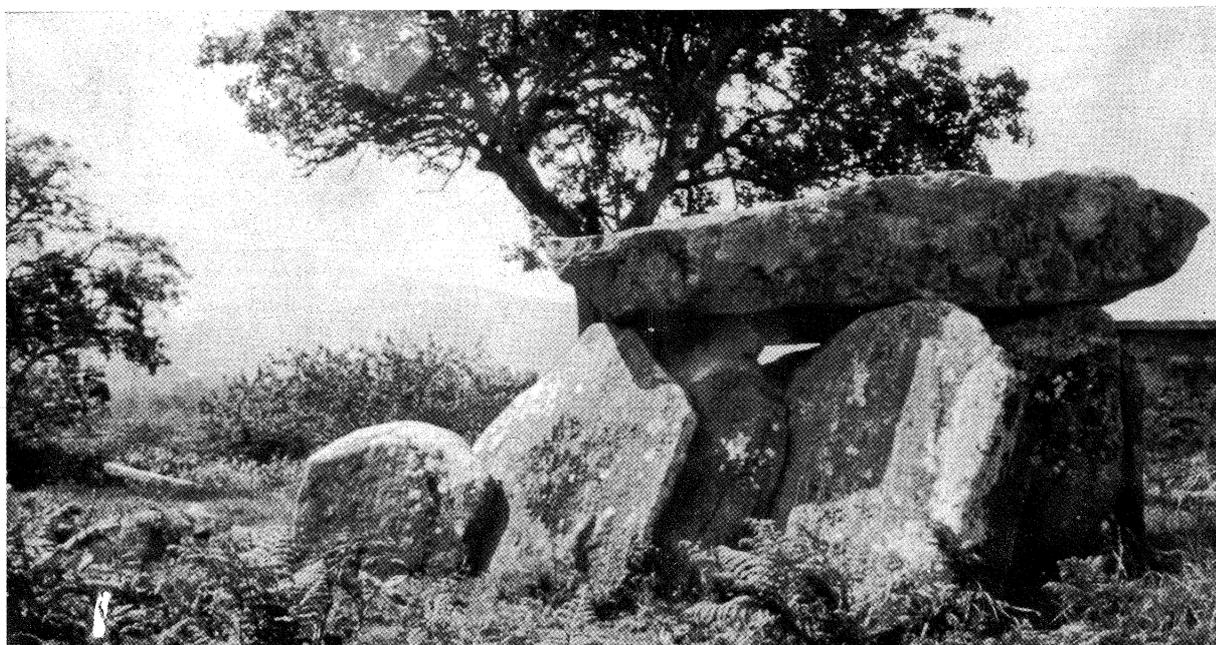
2 — Dólmen com câmara poligonal alongada (Mina do Simão, S. da Aboboreira, Amarante).



3 — Dólmen de grande câmara sub-elíptica, com entrada a nascente (Mamoia 1 de Outeiro de Arte, S. da Aboboreira, Baião).



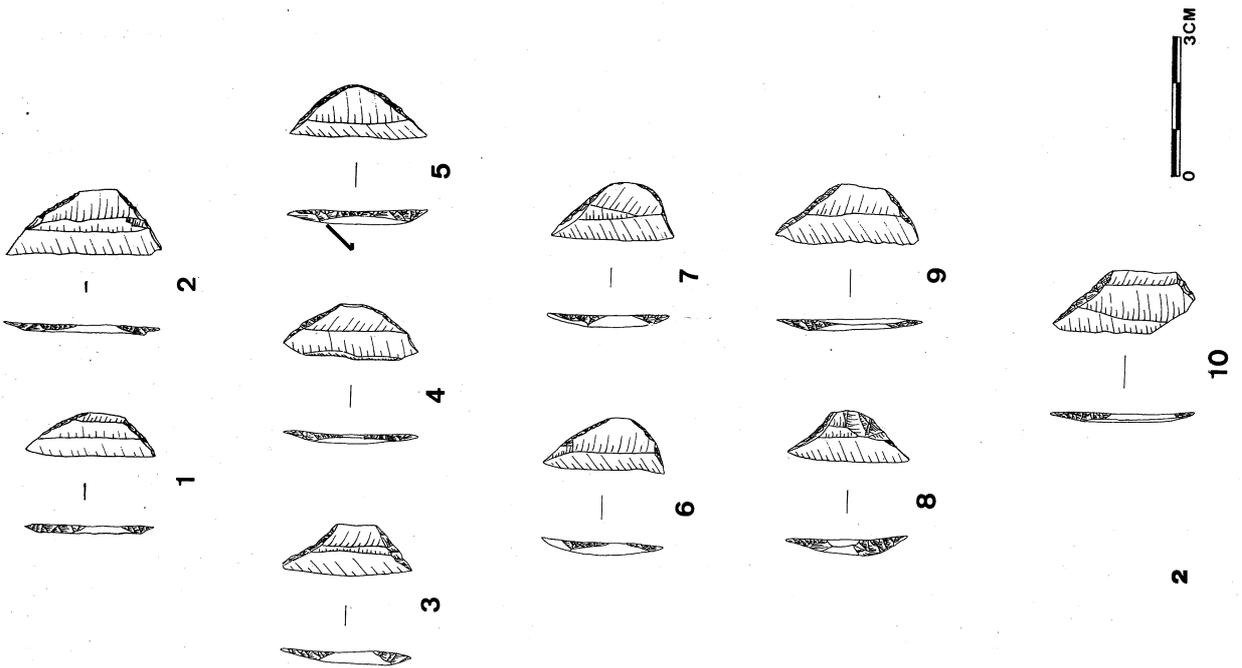
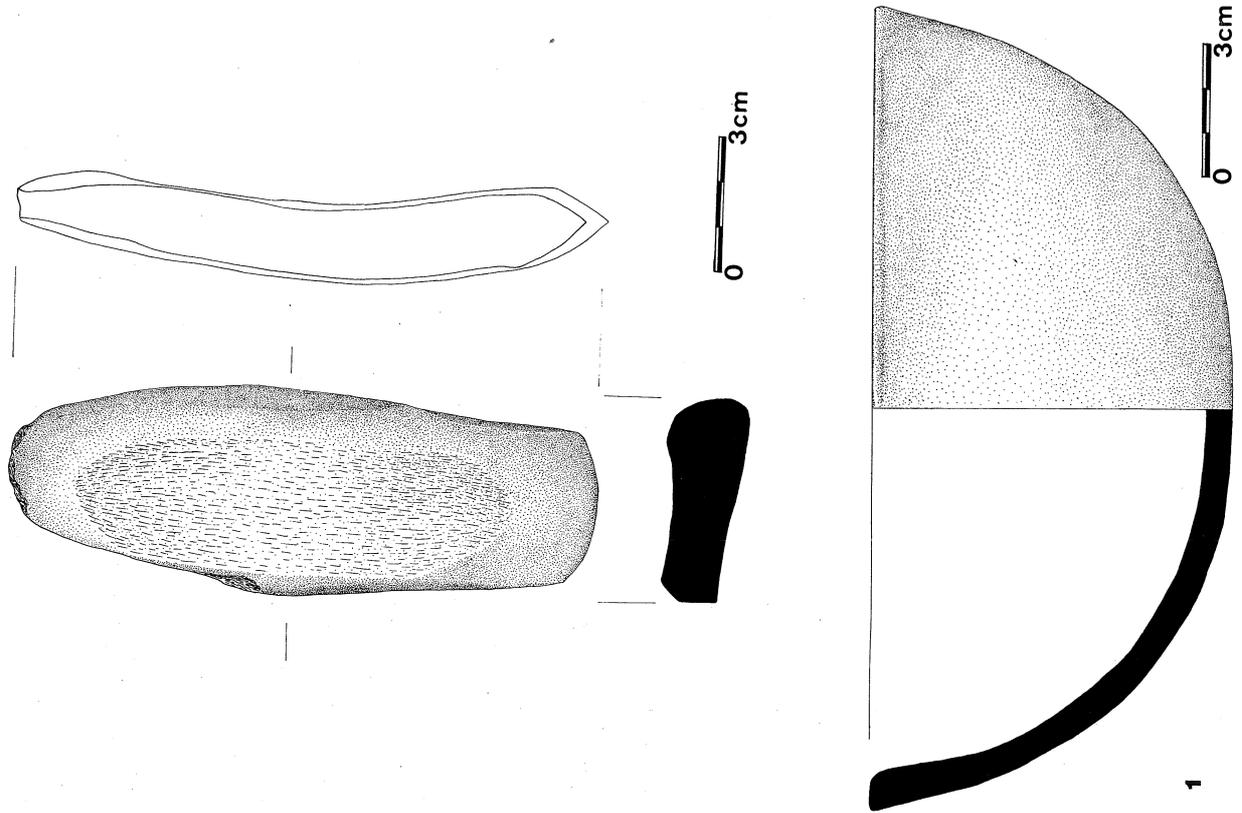
1 — Dólmen de Santa Marta (Penafiel).



2 — Dólmen da Barrosa (Caminha).



3 — Cairn de Meninas do Crasto 4 (Aboboreira, Baião), com anel megalítico periférico (escav. Jorge, 1982).



Est. IV — Exemplos de espólios de monumentos megalíticos do Norte de Portugal: 1 — enxó do «dólmen pequeno» de Perafita, Alijó (Museu Nacional de Arqueologia, n.º 9596) (des. de M.^a Jesus Sanches) e vaso em calote esférica da Anta de Frasão, Paços de Ferreira (Museu Nacional de Arqueologia) (des. de M.^a Jesus Sanches); 2 — micrólitos geométricos das mamoas do Monte Mozinho, Penafiel: Praina do Loureiro (1-9) e Tapada de Baltar (?) (10) (Museu do Instituto de Antropologia, Porto) (des. de Susana O. Jorge). V. descrição detalhada em Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal...*, 1982, vol. I, pp. 741 e seg.